

Por uma prosopografia das mulheres que atuaram na Medicina Tropical no Brasil (1940-1980)

For a prosopography of women who worked in Tropical Medicine in Brazil (1940-1980)

Pour une prosopographie des femmes qui ont travaillé en médecine tropicale au Brésil (1940-1980)

Polyana Aparecida Valente

Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação da UEMG/Ibirité / Pós-doutoranda no Instituto René Rachou - Fiocruz Minas/Belo Horizonte Laboratório de Pesquisa Clínica e Políticas Públicas em Doenças Infeciosas e Parasitárias (PCPP).
Belo Horizonte, Brasil.
polyvalente84@gmail.com

Ailton Junior de Paula Souza

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais / Aluno de Iniciação Científica do Instituto René Rachou - Fiocruz Minas/Belo Horizonte Laboratório de Pesquisa Clínica e Políticas Públicas em Doenças Infeciosas e Parasitárias (PCPP).
Belo Horizonte, Brasil.
ailtonjr97@gmail.com

Resumo

Nos últimos anos, observa-se o aumento dos estudos sobre a presença das mulheres no campo das ciências. A medicina tropical mostra-se como um campo fértil para ampliação dessa discussão, pois priorizou em suas narrativas as trajetórias masculinas. Há poucos registros sobre trajetórias femininas e dos processos da atuação das mulheres nesse campo. Diante das lacunas, procuramos problematizar questões que contribuam para a diminuição desses silêncios. Como e quando se dá a inserção das mulheres no campo da medicina tropical no Brasil? Quais as suas trajetórias científicas? Quais os perfis familiares e profissionais dessas mulheres? As respostas para tais perguntas são complexas e atravessadas por questões sociais, políticas, educacionais, raciais e de gênero. O artigo apresenta o perfil coletivo de mulheres que publicaram nos periódicos científicos nessa área entre 1940 e 1980, com enfoque na trajetória de Alda Falcão, privilegiando a construção de uma narrativa prosopográfica.

Palavras-chave: Teoria da História de Vida, Histórias de Casos, História da Medicina, COVID-19.

Abstract

In recent years, there has been an increase in studies on the presence of women in the field of sciences. Tropical medicine appears as a fertile ground for expanding this discussion, as it has prioritized male narratives in its accounts. There are few records of female trajectories and the processes of women's involvement in this field. Faced with these gaps, we seek to problematize issues that contribute to reducing these silences. How and when are women integrated into the field of tropical medicine in Brazil? What are their scientific trajectories? What are the family and professional profiles of these women? The answers to such questions are complex and intersected by social, political, educational, racial, and gender issues. The article presents the collective profile of women who published in scientific journals in this area between 1940 and 1980, focusing on the trajectory of Alda Falcão, privileging the construction of a prosopographic narrative.

Keywords: Life History Theory, Case Histories, History of medicine, COVID-19.

Résumé

Ces dernières années, on observe une augmentation des études sur la présence des femmes dans le domaine des sciences. La médecine tropicale apparaît comme un terrain fertile pour élargir ce débat, car elle a priorisé dans ses récits les parcours masculins. Il existe peu de traces des parcours féminins et des processus de participation des femmes dans ce domaine. Face à ces lacunes, nous cherchons à problématiser des questions qui contribuent à combler ces silences. Comment et quand les femmes sont-elles intégrées dans le domaine de la médecine tropicale au Brésil ? Quels sont leurs parcours scientifiques ? Quels sont les profils familiaux et professionnels de ces femmes ? Les réponses à ces questions sont complexes et traversées par des questions sociales, politiques, éducatives, raciales et de genre. L'article présente le profil collectif de femmes ayant publié dans les revues scientifiques de ce domaine entre 1940 et 1980, en mettant l'accent sur le parcours d'Alda Falcão, en privilégiant la construction d'un récit prosopographique.

Mots-clés: Théorie de l'histoire de vie, Études de cas, Histoire de la médecine, COVID-19.

Introdução

Nos últimos 30 anos, observa-se um grande avanço nos estudos sobre a presença das mulheres no campo das ciências e da saúde, no entanto, no campo da Medicina Tropical ainda prevalecem as narrativas masculinas, especialmente dos cientistas canônicos. Pensando em contribuir para o campo, o presente artigo é parte dos resultados da pesquisa desenvolvida no escopo do projeto, “As mulheres e os processos de institucionalização da Medicina Tropical: trajetórias, práticas e profissionalização no Brasil (1940-1999)”, coordenado pelo pesquisador Luiz Otávio Ferreira e financiado pelo CNPQ [2].

O projeto tem como objetivo principal problematizar, como se deu a inserção e a profissionalização das mulheres no campo da medicina tropical no Brasil entre 1940 e 1999 e possui três diferentes eixos temáticos, a saber: a) Cooperações internacionais com a Fundação Rockefeller e o SESP (1940-1970); b) As mulheres na interseção entre a Educação Sanitária/Educação em Saúde e a medicina tropical; c) Participação e formação nos projetos e cursos financiados pelo Programa Especial de Investigação e Formação em Doenças Tropicais da TDR/OMS, criado em 1974 com o objetivo de melhorar a saúde e o bem-estar das pessoas afetadas

por doenças infecciosas devido à pobreza e outros fatores sociais e econômicos através da investigação e inovação. Nosso trabalho insere-se no terceiro eixo que inicialmente visava o mapeamento das bolsistas brasileiras do programa TDR/OMS entre os anos 1975-1999. No entanto, o escopo foi aumentado e estamos mapeando as mulheres atuantes no campo da Medicina Tropical via produção de artigos nos periódicos: *Gazeta Médica da Bahia* (1866 e 1934; 1966 e 1972; 1976), *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (1909-até o presente) e *Revista de Malariologia e Doenças Tropicais* (1949-1986). O critério de seleção dos periódicos está ligado à importância e grande circulação no campo da medicina tropical no Brasil no período recortado.

Entendemos que o mapeamento permite a identificação de um perfil prosopográfico das mulheres atuantes na medicina tropical no Brasil, bem como a identificação das áreas mais acessadas por elas e suas redes de colaboração, que servirá como fontes para futuros trabalhos. A pesquisa está em andamento e apresentamos no artigo um pouco dos caminhos metodológicos do trabalho, posteriormente traçamos o perfil prosopográfico das pesquisadoras catalogadas até o momento e finalmente escolhemos a trajetória da pesquisadora Alda Lima Falcão para problematizar os processos da inserção e profissionalização das mulheres na Medicina Tropical.

No item que discutimos a trajetória de Alda Falcão, usamos como referências a literatura e duas entrevistas com a pesquisadora, uma realizada para o projeto “Memória do Centro de Pesquisas René Rachou” [3], em 28 de agosto de 1990 e a outra produzida pela pesquisadora Virgínia Schall, em 19 de setembro de 2005. Cumpre destacar que nas entrevistas há elementos contraditórios de eventos e datas, não tratamos tais contradições como equívocos ou erros, mas como elementos das narrativas e da memória que é fluída e recriada nas diferentes temporalidades. Ressaltamos ainda que acessamos o conteúdo da primeira entrevista, em documento transcrito, pelo acervo do Centro de Documentação e Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz (DAD/COC-Fiocruz/RJ), a segunda entrevista está disponível no youtube da Fiocruz Minas [4]. Para análise das entrevistas utilizamos a metodologia de História Oral, sobretudo, o que diz respeito a transcrição entendida como uma ação criativa que transmuda o estabelecido oralmente, é a (re) criação do que foi dito/transcrito, uma teatralização da entrevista, transformada num texto fluído e que dialoga com a história pública. Uma das etapas da transcrição é a leitura prévia do colaborador/narrador, na ausência da Dra. Alda, procuramos atuar como mediadores do tex-

to, guardando, aquilo que na História Oral nomeia-se de tom vital da entrevista [5].

As diferentes temporalidades da realização das entrevistas e as dimensões da oralidade para a produção historiográfica nos levou a refletir sobre os sentidos das entrevistas de história oral, as nuances do uso dos relatos e o acesso pelos acervos digitais em diferentes formatos. Tem valor esse relato? Há perdas das experiências e conteúdo quando se acessa a entrevista já transcrita? Ou sobre os limites de uma edição de áudios e vídeos. Tal reflexão foi atravessada pelo que estamos chamando de “novo lugar” conquistado pela História Oral durante a pandemia de COVID-19.

Como propõe Ricardo Santhiago [6]

O isolamento físico ensejado pela pandemia de COVID-19, a aguda crise sanitária e política que o atravessava em simultâneo pelo Brasil e o aceleramento na adesão a novas tecnologias de registo e comunicação da produção intelectual em humanidades têm muito recentemente projetado, no campo da história oral, a reanimação de um tipo de discussão metodológica que parecia adormecido. São reflexões sobre a produção, o tratamento, o arquivamento, a difusão, a curadoria de fontes orais que extrapolam a narrativa procedimental predominantemente descritiva que caracteriza boa parte da produção da área após a fase de afirmação da história oral no Brasil, dos anos 1990 ao início da década seguinte [6:2].

Tal alerta guiou nosso olhar para as entrevistas utilizadas no texto, ressaltando a importância da história oral para reconstrução de trajetórias femininas e composição de acervos nos arquivos brasileiros.

Análise

Utilizamos como ponto de partida do trabalho a definição os marcos temporais 1940 e 1980, o primeiro se justifica pelas reformas educacionais ocorridas no governo Vargas (1930-1945), período reconhecido como um marco da modernidade na história do Brasil, entendida como o processo de industrialização e urbanização, sublinhado por profundas mudanças, das quais destacamos, o campo da educação. Na perspectiva de Andreotti, (...) a educação escolar foi considerada um instrumento fundamental de inserção social, tanto por educadores, quanto por uma ampla parcela da população que almejava um lugar nesse processo. As aspirações republicanas sobre a educação como propulsora do progresso, soma-se a sua função de instrumento para

a reconstrução nacional e a promoção social [7:5].

A Reforma educacional Francisco Campos, em 1931, estruturou e centralizou para a administração federal os cursos superiores, adotando o regime universitário; organizou o ensino secundário, dividindo-o em dois ciclos: um fundamental, de 5 anos e outro complementar, de dois anos para determinadas carreiras, ambos obrigatórios para o ingresso no ensino superior. Mais tarde, na primeira metade dos anos 1940, as Leis Orgânicas propostas pelo então ministro da educação Gustavo Capanema previu o ensino industrial como ensino de nível médio destinados à continuidade dos estudos e visavam o ingresso dos alunos nos cursos universitários que se organizavam no país [7].

Um dos efeitos provocados por essas leis foi o aumento do acesso das mulheres no ensino superior e consequentemente elas passaram a ser cooptadas pelas instituições acadêmicas e científicas para atuar nos mais diversos tipos de trabalhos, como: estagiárias, bolsistas, técnicas, secretárias e em outras atividades. Além da ampliação das políticas de acesso a educação, no contexto pós-segunda guerra mundial, observa-se um grande investimento no controle das chamadas doenças massas como elemento de desenvolvimento do país, com isso as doenças tropicais ganham centralidade nas ações de Saúde Pública que serão uma porta importante para a profissionalização das mulheres no Brasil [8-9]. O marco final justifica-se pelo contexto de redemocratização do país, pela ação dos movimentos feministas dos anos 1970 e da Reforma Sanitária nos anos 1980 que interferiram de forma significativa na atuação e presença das mulheres nos espaços de produção acadêmica e científica, especialmente na área da Saúde [9].

Delimitado os recortes temporais, partimos para a seleção dos periódicos, levando em consideração a legitimidade e a grande circulação no campo na medicina tropical. O Brasil é reconhecido como líder mundial em pesquisas no campo da Medicina Tropical, fruto, dentre outras coisas, da tradição histórica brasileira que encontra suas raízes mais profundas na Escola Tropicalista Bahiana de Medicina [10] Construída num contexto em que os médicos reuniam-se preocupados com a “vida nos trópicos” que acumulava uma série de doenças infecciosas, e que procuravam enfrentar os desafios em saúde nas Américas. Nesse período, em 1966, a Revista Gazeta Médica foi criada [10],

como a primeira revista médica brasileira estritamente voltada às publicações científicas, tendo entre os seus fundadores sete importantes médicos da cidade

da Bahia e o estudante de Medicina Antônio Pacifico Pereira (JACOBINA, CHAVES, BARROS, 2018). A *GMBahia* foi publicada e editada por uma “associação de médicos independentes”, opositores do ensino oficial de Medicina no império representado pelas faculdades da Bahia e do Rio de Janeiro e da Academia Real de Medicina na segunda metade do século XIX, na Província baiana, entre o período de 1866 a 1889. Tal movimento, contrapõe o modelo europeu de Medicina que era predominante no país, passando a priorizar pesquisas voltadas para as doenças tropicais que acometem a população do país, estabelecendo um novo formato para as ciências médicas, estimulando a presença de doentes nas reuniões de estudos da comunidade, e elaborando uma linguagem mais contextualizada às necessidades do Brasil [10:90].

Os médicos que se reuniram em torno dessa tradição e da primeira fase da revista, foram nomeados posteriormente (aproximadamente noventa anos depois) como Escola Tropicalista Baiana [11]. A *Gazeta Médica da Bahia* circulou regularmente entre 1866 e 1934, depois entre 1966 e 1972, com um número avulso em 1976. Em 1984, os professores Eurydice Pires de Sant’Anna (Escola de Biblioteconomia) e Rodolfo Teixeira (Faculdade de Medicina da Bahia) organizaram o índice cumulativo de 1866 a 1976, com a citação de todos os 3.870 trabalhos publicados naquele período. Em 2002, foram digitalizados todos os trabalhos publicados até 1976 e alguns textos em livro, também pela Dra. Luciana Bastianelli da Gráfica CONTEXTO (Salvador, Bahia). Em 2004 a edição da *Gazeta Médica da Bahia* foi retomada e todos os números estão disponíveis online no site da revista¹.

Já o periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* foi criado pelo decreto nº 1.812, baixado pelo Congresso Nacional e sancionado em 12 de dezembro de 1907, que criou o Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos. Pelo referido decreto “As *Memórias*” seriam distribuídas pelas escolas profissionais, de medicina, de veterinária e de agricultura, existentes no país. Uma revista institucional, fechada a autores que não fosse da instituição e servia como espaço de memória, registro e publicação dos estudos desenvolvidos no instituto, apenas nos anos 1980, na chamada “era Coura” a revista se abre para colaboradores externos

[12]. Finalmente, a revista de *Malariologia e Doenças Tropicais*, como órgão oficial do Serviço Nacional de Malária do Ministério da Educação e Saúde, foi planejada como veículo de divulgação da ciência aplicada, a serviço da interação, informação e comunicação entre os “técnicos em malariologia”. Apesar de receber colaboradores externos ao Serviço Nacional de Malária, a maior parte das produções eram de autores vinculados ao serviço e aos Institutos de Endemias Rurais, ambas instituições ligadas ao Ministério da Saúde, especialistas em doenças tropicais [13].

Um traço em comum entre os períodos para além da ligação com a produção no campo da medicina tropical é que eles foram importantes para os processos de institucionalização das ciências no Brasil, sobretudo no campo da Saúde Pública.

Feita a seleção dos periódicos, partimos para o levantamento e registros das publicações assinadas por mulheres e chegamos nos seguintes números: na *Gazeta Médica da Bahia* dos 100 artigos contabilizados, 27 foram assinados por mulheres, sendo 19 pesquisadoras. Na *Memórias* registramos 646 publicações, 348 assinados por mulheres, contabilizando 219 pesquisadoras e na *Revista de Malariologia e doenças tropicais* das 861 produções, 100 foram assinadas por mulheres e registramos 65 pesquisadoras diferentes.

Como mostram os números as publicações nos periódicos são em sua maioria de autoria masculina, mas diferente do que se imagina e registra a literatura sobre o tema, as mulheres estiveram presentes na produção científica de forma significativa, e representam um número expressivo nas publicações, a perenidade dessa participação se estabelece nos anos 1940 e vai paulatinamente aumentando ao longo dos anos.

Ultrapassando os marcos temporais da pesquisa, nos últimos anos, as mulheres brasileiras destacam-se internacionalmente nas publicações na medicina tropical de acordo Sobral et al [10] as pesquisadoras Ana Lúcia Teles Rabello² e Lileia Diotaiuti³, são a segunda e a quinta pesquisadoras brasileiras com artigos mais citados no campo da Leishmaniose e Doença de Chagas, respectivamente.

Pelos dados coletados, a primeira publicação feminina registrada nos três periódicos é de Bertha Lutz, na revista *Memórias*, no ano de 1949 [14]. Nesse mesmo ano registra-se as publicações das pesquisadoras Maria

¹ As informações destacadas aqui foram retiradas do site da *Gazeta Médica da Bahia*: <http://gmbahia.ufba.br/index.php/gmbahia/index>.

² Seu artigo mais citado no corpus analisado é “Efficacy of Anti-Leishmania Therapy in Visceral Leishmaniasis among HIV Infected Patients: A Systematic Review with Indirect Comparison”, publicado no periódico *Plos Neglected Tropical Diseases* (104 citações). Sobre isso ver: Sobral et al 2020 [10].

³ Seu artigo mais citado é “Certifying the interruption of Chagas disease transmission by native vectors: cui bono?”, publicado no periódico *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* (56 citações). Os assuntos principais trabalhados são os triatomíneos e a doença de Chagas. Sobre isso ver: Sobral et al, 2020 [10].

Isabel Melo [15] e Rita A. de Almeida [16]. As duas primeiras autoras, assinam sozinhas os artigos, algo incomum na época, via de regra as mulheres iniciam suas produções com co-autoria. Maria Isabel Melo e Rita Almeida fazem parte da primeira geração de pesquisadoras do Instituto Oswaldo Cruz e assumiram cargos de chefia ao longo de suas trajetórias [17]. Um caso interessante é o de Bertha Lutz, que não era do Instituto, mas desenvolvia pesquisas com seu pai, permitindo, portanto, sua publicação.

Na revista da *Gazeta Médica da Bahia*, a primeira publicação feminina é de Gildete Porto [18], no ano de 1966, ela também assina sozinha o artigo. Nesse periódico há o crescimento paulatino de publicações assinadas por mulheres, com destaque para Dea M. Cardoso, Achiléa Lisboa Bittencourt, Dalva A. Melo, Vanize Macedo e Sônia G. Andrade.

Já na revista de Malariologia, a primeira publicação de mulher se dá no ano de 1957, Regina de Souza Martins [19], destacam-se também as produções de Dértia V. Freire Maia, Helene M. Pauliny, Léa Camillo Coura, Lileia Gonçalves Diotaiuti, Maria Paumgarten Deane, Neide Guitton e Alda Falcão, a pesquisadora focalizada no capítulo.

Com esse primeiro levantamento, criamos as categorias para compor o perfil prosopográfico das pesquisadoras e chegamos em 51 itens descritivos⁴. Com esses elementos no próximo item traçamos, ainda que de maneira inicial, o perfil prosopográfico das mulheres que tiveram publicações nos referidos periódicos.

Perfil Prosopográfico

Do universo das 303 mulheres catalogadas, registramos com mais qualidade de informações 37 pesquisadoras, como destacado anteriormente trata-se de um trabalho lento e cheio de limites, particularmente pela escassez de fontes e arquivos sobre elas. Assim, o perfil que apresentamos aqui tem como base o universo dessas 37 mulheres.

Na sua maioria são mulheres de classe média e urbanas, brancas, filhas de médicos, cientistas, engenheiros e de mães atuantes no campo da literatura, trabalhos manuais e enfermagem. Nascidas entre os

anos 1890 até 1950, a maior parte delas são brasileiras da região Sudeste e Nordeste do país [2]. Desse universo de mulheres, registramos 3 estrangeiras das seguintes nacionalidades: Estados Unidos, Venezuela e Alemanha.

A formação primária e secundária são dados que temos muitas dificuldades de encontrar, mas no que tange a formação superior destacam-se o ingresso variando entre as décadas 1910 a 1980, com prevalência entre os anos 1960 e 1970. Os cursos mais registados são: História Natural, Medicina, Medicina Sanitária, Medicina Veterinária, Ciências Biológicas e Serviço Social. A Universidade Federal da Bahia (UFBA) destaca-se com 17 mulheres, marcando a tradição da Escola Tropicalista Baiana no campo. Registra-se também Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ – antiga Universidade do Brasil), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Fundação Técnico Educacional Souza Marques (FTESM), Faculdades Metodistas Integradas Izabela Hendrix, Universidade de Paris (Sorbonne), Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ – antiga Universidade do Estado da Guanabara), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Gama Filho e Faculdade de Ciências da Universidade Central da Venezuela (UCV). Como se pode ver, as instituições públicas são o grande espaço formativo e de produção na Medicina Tropical e essas instituições permaneceram ao longo do tempo como referências no campo [10].

As especializações do grupo de mulheres catalogadas foram realizadas essencialmente no campo da Medicina e Saúde Pública. Destacam-se as seguintes instituições Fiocruz, sobretudo a Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e o Instituto Oswaldo Cruz (IOC), mas aparece também a UFMG, PUC/MG, UFRJ, UFBA, Universidade de Yale (EUA), Universidade de Paris, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Bernhard Nocht Institut (Alemanha), Senac Rio de Janeiro e Faculdade Vicentina (PR). Esse dado corrobora o nosso argumento de que a Saúde Pública é o grande espaço de atuação e profissionalização das mulheres.

No doutorado, prevalecem os estudos nas áreas de

⁴ 1. Nome; 2. Origem - País; 3. Origem - Estado; 4. Secundário - tipo de instrução; 5. Secundário - Ano Ingresso; 6. Secundário - Ano Conclusão; 7. Ensino Superior; 8. Ensino Superior - Instituição; 9. Ensino Superior - Ano de ingresso; 10. Ensino Superior - Ano de conclusão; 11. Ensino superior 2; 12. Ensino Superior 2 - instituição; 13. Ensino Superior 2 - ano de ingresso; 14. Ensino Superior 2 - ano de conclusão; 15. Pós-graduação/Especialização; 16. Especialização - instituição; 17. Especialização - ano de ingresso; 18. Especialização - ano de conclusão; 19. Pós-graduação/Mestrado; 20. Mestrado - instituição; 21. Mestrado - ano de ingresso; 22. Mestrado - ano de conclusão; 23. Pós-graduação/Doutorado; 24. Doutorado - instituição; 25. Doutorado - ano de ingresso; 26. Doutorado - ano de conclusão; 27. Pós-graduação - pós-doutorado; 28. Pós-doutorado - instituição; 29. Pós-doutorado - ano de ingresso; 30. Pós-doutorado - ano de conclusão; 31. Principal área de atuação; 32. Instituição de atuação profissional; 33. Instituição de atuação profissional 2; 34. Instituição de atuação profissional 3; 35. Ano nascimento; 36. Ano morte; 37. Estado Civil; 38. Cor; 39. Religião; 40. Filhos; 41. Nome do pai; 42. Profissão pai; 43. Escolaridade pai; 44. Nome da mãe; 45. Profissão mãe; 46. Escolaridade mãe; 47. Irmãos (n°); 48. Fontes; 49. Lattes; 50. Observações; 51. Foto.

Ciências Biológicas, Imunologia, Medicina Tropical e Patologia, nas instituições Fiocruz, UFBA, UFMG, UFRJ, Unicamp, NIMR (Nigéria) e USP, o ingresso das mulheres no doutorado inicia-se anos 1970 até os anos 2000.

As principais áreas de atuação das mulheres pesquisadas foram Parasitologia, com ênfase em Protozoologia de Parasitos, atuando principalmente nos seguintes temas: Biologia e Ecologia dos ciclos de transmissão de tripanosomatídeos de mamíferos domésticos e silvestres na natureza. *Trypanosoma cruzi*, reservatórios silvestres de tripanosomatídeos, *Trypanosoma evansi*, Leishmanias. *Leishmania*. Parasitologia Humana, ênfase em Protozoologia de Parasitos, Biotecnologia, Parasitologia, Entomologia, Imunologia e Inovação Farmacêutica. Leishmaniose e Doença de Chagas. Malária. Anatomia Patológica, Pediatria, Infecção Placentária. Educação em Saúde, Vigilância Sanitária. Microbiologia. Esquistossomose. Helminologia. Gestão Ambiental, controle biológico de vetores e bioinseticidas. Botânica, Herpetologia, Embriologia, Educação em Saúde, Política. Doença de Chagas.

As instituições relacionadas incluem o CNPq, o Laboratório de Parasitologia Experimental (LAPEX) localizado no Departamento de Biologia da Facultad de Ciencias da Universidad de Los Andes em Mérida, Venezuela, o Instituto Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a UFMG, o Instituto Fernandes Figueira (IFF), a Fundação Hospitalar do Distrito Federal, os Escritórios do Dom Helder (Hélder Pessoa Câmara) e Dom Távora (José Vicente Távora), que aparentemente estão associados à Juventude Escolar Católica (JEC), a UFRJ, com destaque para o Instituto de Microbiologia e o Departamento de Microbiologia Médica, o Laboratório de Helminhos Parasitos de Peixes no Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz), e a UFBA, onde se destaca a atuação como instrutoras de ensino, além da participação no Hospital das Clínicas da FMB/UFBA e na Clínica de Doenças Tropicais e Infeciosas (CDTI/UFBA).

No contexto do perfil prosopográfico das pesquisadoras na Medicina Tropical, é possível analisar uma imagem diversificada. Originárias de diferentes classes sociais e regiões do Brasil e do mundo, essas pesquisadoras enfrentaram e superaram desafios significativos pela pesquisa em doenças tropicais. Seus trajetórias acadêmicas abrangem um período que se estende desde as primeiras décadas do século XX, mas sobretudo, o pós-segunda guerra mundial, até os anos mais recentes, refletindo uma notável mudança nas oportunidades

educacionais e científicas para as mulheres.

A variedade de cursos de graduação e especializações inclui uma gama de disciplinas, indo desde as ciências naturais até a saúde pública, evidenciando a versatilidade que essas mulheres trouxeram ao campo. Atuando em instituições de renome, nacionais e internacionais, elas desempenham um papel central na pesquisa e inovação em Medicina Tropical, na divulgação científica em saúde e no aprimoramento de técnicas científicas em campo, atuando desde instrutoras de ensino, técnicas e chefes de laboratório.

A trajetória de Alda Falcão

O enfoque na trajetória da pesquisadora Alda se dá pelo fato dela representar variações das outras mulheres, que possuem a trajetória de ensino tradicional e regular, respeitando as etapas: ensino primário, ensino secundário, ensino superior e pós-graduação. Alda era de uma família modesta do interior do Ceará e escolarização irregular, a entrada da Alda para o universo da pesquisa, se dá pela via dos trabalhos técnicos e pela tutela de alguns homens, com destaque para Amílcar Martins e René Rachou. Talvez esse seja o ponto de encontro dela com as outras trajetórias, haja vista que há uma constante da tutela masculina para a inserção das mulheres nas instituições de pesquisas e academias no período analisado, seja pelos pais, maridos ou orientadores, com a diferença de que foi o trabalho que garantiu a ação social e científica de Alda e não os estudos.

Há muitos estudos sobre a trajetória da pesquisadora Alda Falcão, mas há ainda, muitas lacunas, especialmente no que diz respeito a sua formação escolar, sua vida antes da ida para o INERU em Minas Gerais. Nesse sentido, a escolha pela Alda refere-se ao desejo de responder a essas lacunas e por sua trajetória entrecruzar-se com a história de outras pesquisadoras, como Maria Deane, com quem Alda iniciou seus trabalhos técnicos no campo da Medicina Tropical.

A trajetória profissional de Alda Falcão começou quando ela se uniu ao Serviço Nacional de Malária do Nordeste, em meio a um surto de malária em Aracati, Ceará, no ano de 1939, quando tinha apenas 14 anos, nessa época, Alda cursava o ensino secundário e abandonou os estudos para se dedicar ao trabalho. Seu pai era chefe dos transportes do Serviço de Malária do Nordeste e tinha boa relação com um dos médicos sanitaristas responsáveis pelo serviço, Manoel José Ferreira, conhecido como Maneco.

Sobre a conclusão do ensino secundário, na entrevista

de 1990, a Dra. Alda conta que se formou em Contabilidade, no período em que morou em Fortaleza, mas não há informações mais concretas sobre o curso e o colégio. Assim ela narra:

Eu não estudei porque eu trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo. Eu era doída para fazer biologia, toda vida, não pude, naquele tempo não tinha faculdade a noite e eu não podia estudar de dia porque precisava trabalhar para ganhar dinheiro para viver. Então eu fiz lá o curso de contabilidade, lá em Fortaleza, e cheguei aqui [em Belo Horizonte] não fui mais fazer nem um curso. Fui na universidade, onde fiz várias disciplinas isoladas, por exemplo: parasitologia médica, entomologia médica e zoologia. Não sei quantas disciplinas do curso de biologia eu fiz, junto aos alunos da biologia e da medicina. Na época eu já tinha um filho, estava apertada de dinheiro e não pude mais estudar. Fiz várias disciplinas e se eu tivesse tempo, eu teria feito um vestibular... bem, quando o Instituto veio para cá, eu já trabalhava. Quando eu estava lá na escola de Farmácia fazendo as coisas de esquistossomose, eu disse: professor vamos trabalhar com flebótomo, porque eu tinha feito um estágio com Dr. Lucena lá no Recife e ele disse: - Dona Alda, como nós vamos fazer, a senhora não sabe de nada e nem eu. Eu disse: - mas nós vamos aprender juntos [3:4].

Segundo, Alda, nessa ocasião, muitas pessoas foram recrutadas, inclusive meninas e mulheres, ela destaca Rosa Maria Brígido Nunes que depois trabalhou com ela no Instituto René Rachou. Entre 1939 e 1942, a Dra. Alda trabalhou em um laboratório de treinamento criado com o apoio da Fundação Rockefeller e do Serviço de Malária do Nordeste, onde a Dra. Maria Deane, médica especialista em parasitologia, desempenhava um papel central. Sob a orientação da Dra. Maria Deane, Alda contribuiu para a criação de mosquitos *Anopheles gambiae*, o vetor da malária, fornecendo informações valiosas sobre esses insetos vetores e sua transmissão. Seu trabalho não se limitou apenas ao *Anopheles gambiae*, pois ela também se envolveu com outras espécies, como o *Anopheles darlingi*, o *A. aquasalis* e o *A. albirtarsis*. Ao longo de sua carreira, ela escreveu um livro e 101 artigos científicos, sendo o primeiro sobre culicídeos em parceria com René Rachou e os demais sobre flebotomíneos e leishmaniose. Ela descreveu 43 novas espécies, um novo subgênero e um novo gênero de flebotomíneos. Em sua homenagem, foram nomeadas as espécies *Evandromyia aldafalcaoae* [20], *Pintomyia limafalcaoae* (Wolf e Galati, 2002) e *Pintomyia falcaorum*

Brazil [20]. Além disso, o subgênero *Aldamyia* [21] foi criado em sua memória [22].

O Laboratório de Serviço da Malária criado pela Fundação Rockefeller e, conhecido como laboratório central, era coordenado pelo estadunidense Fred Sopper e pelo médico sanitário Manoel José Ferreira, que mais tarde em 1954 foi diretor do Serviço Nacional de Malária. À medida que o surto de malária perdeu força, a Dra. Alda foi recrutada para integrar o Serviço Nacional de Malária e se mudou para Fortaleza. Em meados do século XX, o Serviço Nacional de Malária sofreu uma mudança em suas atribuições, incorporando a responsabilidade de organizar e implementar planos de combate a várias doenças, incluindo a esquistossomose, a doença de Chagas, a filariose e o escorpionismo em todo o país. Em 1942, com a baixa de *gambie* em Fortaleza os contratos de trabalho foram encerrados e a equipe foi contratada para trabalhar no SESP em Belém sob a coordenação do casal Deane, mas Alda não, pode ir, era menor de idade e, portanto, o seu pai não autorizou a sua mudança. Com isso, ela ficou um ano trabalhando com serviços manuais de corte e costura.

No ano seguinte, em 1943, foi aberto um edital para o Serviço Nacional de Malária em Fortaleza e Alda se inscreveu, ela conta que foi entrevistada por Airton Maia Vilela e que durante a entrevista ela se intitulou como entomologista e foi contratada e desempenhou serviços diversos: limpeza de vidros, coleta e identificação de variados vetores, mas segundo a própria pesquisadora, depois de um estágio realizado em Recife com Durval Tavares Lucena sobre os triatomíneos, ela se aproxima de Lucena e apaixona-se pelos flebotomos e eles “jamais saíram da sua cabeça”.

Durante o período em que esteve em Fortaleza, Alda se casou com Alberto Falcão, em 1947. Inclusive é nesse momento que ela passa a se chamar Alda Lima Falcão, antes do casamento seu nome era Alda Lima Barbosa. A mudança de sobrenome das mulheres devido ao casamento é um dos elementos que dificultam encontrar informações sobre elas, o que não acontecia com os homens. Nesse contexto, Alda transferiu-se para Belo Horizonte com seu marido Alberto. O trabalho de ambos se concentrou nas instalações da entomologia na Fundação Ezequiel Dias, Alda no laboratório e Alberto na parte administrativa. A Fundação Ezequiel Dias, em sua estruturação como Instituto Soroterápico de Minas Gerais, em 1906/07, se deu como uma filial da Fiocruz em Belo Horizonte, com apoio da classe pecuarista que se interessava na criação de uma vacina contra “peste da manqueira, ou carbúnculo sintomáti-

co, epizootia que atacava os rebanhos mineiros” [23]. Em 1922 a Fundação passa se se chamar “Instituto Biológico Ezequiel Dias”, composto por um serpentário em que trabalhou o então aluno de medicina, Amílcar Vianna Martins, e em 13 de novembro de 1936 o Instituto se desvinculou da Fiocruz e se reorganizou como um órgão estadual de Minas Gerais. Entre 1953 e 1956, foi criado na capital mineira o Centro de Pesquisas em Endemias de Minas Gerais e a transferência do Instituto de Malariologia do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, que passou a se chamar Centro de Pesquisa de Belo Horizonte, em março de 1956.

Foi nessa época que Alda ingressou no Instituto Nacional de Endemias Rurais (INERu). Ela conta na entrevista de 2020 que estava trabalhando com esquistossomose, e ela não gostava muito, quando ela soube de que o projeto do Instituto de Malariologia na cidade das meninas no Rio de Janeiro não tinha dado certo e que seria transferido para Belo Horizonte, sob a direção de René Rachou, ela pediu a sua transferência. Alda Lima Barbosa tinha boas relações com ele, em função de um trabalho anterior que desenvolveram através de correspondências. Nesse momento ela direcionou seu foco para a entomologia médica, concentrando-se no estudo dos vetores da esquistossomose. Em 1958, ela completou o Curso de Especialização em Entomologia Médica na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP).

Nas palavras de Alda [3],

A única coisa que eu tenho é o curso de Entomologia Médica da Universidade de São Paulo, que é meu maior título de especialização. Porque eu comecei a trabalhar na malária do Nordeste, no Serviço Nacional de Malária do Nordeste, quando houve um surto de malária no Aracati, eu tinha 14 anos e ainda estava estudando, fazendo ginásio. Aí, parei de estudar pra ir trabalhar. Com 14 anos eu comecei a trabalhar com a Dra. Maria Deane [3:3].

Ao regressar de São Paulo, Alda retomou a parceria de trabalho com o cientista Amílcar Martins, se dedicando à “captura, descrição e identificação” de exemplares de flebotomíneos, o que levou à criação da Coleção de Flebotomíneos (COLFLEB), depositada no Instituto René Rachou. Atualmente, essa coleção abriga cerca de 85.000 exemplares originários de várias partes do mundo, incluindo a espécie descoberta, *Lutzomyia renei*, juntamente com Mauro Pereira Barreto.

Alda também manteve colaborações com entomologistas estrangeiros, incluindo Fairchild, dos Estados

Unidos, e Saul Adler, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ela fez parte do grupo de pesquisa “Computer Aided Identification of Phlebotomine sandflies of Americas (Cipa)”. Além de suas atividades de pesquisa, Alda Falcão desempenhou um papel fundamental no treinamento de profissionais de saúde e na criação do Laboratório de Leishmaniose, posteriormente denominado Ambulatório Alda Lima Falcão. Este ambulatório se tornou um centro de referência para o tratamento e diagnóstico da leishmaniose.

A partir das pesquisas coordenadas por ela no Laboratório de Leishmaniose, foi possível a descrição de um gênero, um subgênero e 41 espécies de flebotomíneos. Três espécies de flebotomíneos receberam nomes em sua homenagem: *Lutzomyia aldafalcaoae*, *Lutzomyia limafalcaoae* e *Lutzomyia falcaorum*.

Com o passar dos anos, Alda Falcão recebeu reconhecimento pelas suas contribuições para a ciência, incluindo a Medalha Meio Século de Contribuição à Ciência da Fiocruz em 1991. Mesmo após sua aposentadoria em 1994 no Instituto René Rachou, Alda continuou a se dedicar à pesquisa. Em 1997, a instituição lhe conferiu a Honra ao Mérito, e, em 2005, a Fundação Oswaldo Cruz a distinguiu com o título de Pesquisadora Honorária. Pouco tempo depois, em 2007, a mesma fundação a agraciou com o título de Pesquisadora Emérita. Alda Falcão também se destacou em sua atuação como orientadora no Programa Vocação Científica (Provoc), o que lhe rendeu reconhecimento da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio da Fiocruz.

Conclusões

A trajetória de Alda e das pesquisadoras contemporâneas a ela, nos ajuda a compreender que os processos de inserção de mulheres no campo da saúde pública no Brasil, se inicia de forma mais sistemática no pós-segunda guerra mundial, no final dos anos 1940. Naquela época, as mulheres ingressavam ainda muito jovens e antes mesmo de terminarem os estudos regulares. Além disso, a forma de entrada não eram concursos e provas, mas sim as redes de conhecidos, geralmente homens. Outro elemento importante no processo de profissionalização das mulheres na área são as instituições públicas e os serviços de saúde pública, bem como os convênios e financiamentos das instituições estadunidenses com destaque para a Rockefeller. Na passagem pelos diferentes institutos, as mulheres “fizeram de tudo”, ocuparam as mais variadas atividades

técnicas e de produção intelectual. O casamento também é um atravessador importante que modifica os nomes, que são levados em consideração nas viagens, mudanças de cidades e na maternidade, algo pouco mencionado pelas mulheres da geração de Alda. Há muitos elementos a serem explorados, por enquanto, lançamos nesse texto algumas pistas e possibilidades de caminhos.

Finalmente, sinalizamos sobre como o evento histórico da pandemia de COVID-19, além dos impactos perversos na vida das pessoas, especialmente pelo alto número de mortes, obrigou-nos a ressignificar, formas de lidar com a vida e a morte, hábitos e etc. Um efeito colateral sentido no campo da História foi o uso das fontes orais. Desde a pandemia estamos construindo, o renascimento do futuro e do passado, sobretudo da preservação do futuro. Isso de alguma maneira implica na centralidade da internet e outras tecnologias em nossas vidas e conseqüentemente obriga os historiadores atender-se para o aumento de testemunhos e da história oral que por muito tempo foi considerada algo anedótico [24].

Agradecimentos

Agradecemos ao CNPq pelo financiamento do projeto.

Conflitos de interesse

Os autores declaram que não existem conflitos de interesse relacionados com o presente artigo.

Notas

No contexto do Programa de Excelência em Pesquisa da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz – Proep/Fiocruz (convênio TED Fiocruz/CNPq nº 182/2020), é relevante mencionar estudos que exploram a presença e contribuição das mulheres na ciência.

No artigo intitulado “Mulheres, arquivos e memórias” [25], são discutidas questões relacionadas à representatividade feminina em arquivos e à construção da memória.

Além disso, informações valiosas foram extraídas do site da Gazeta Médica da Bahia. Ao analisar o corpus de artigos, destaca-se o trabalho de Sobral et al [10], cujo artigo mais citado aborda a eficácia da terapia anti-Leishmania em pacientes com Leishmaniose Visceral co-infetados com HIV. Da mesma forma, o estudo de Sobral et al.[10] sobre a certificação da interrupção da transmissão da doença de Chagas por vetores nativos também é significativo.

As obras de Lutz [14], Melo [15], Torres et al [16], Porto [18], Martins [19] e outras contribuem para a compreensão da evolução da pesquisa científica, especialmente no campo da parasitologia. Esses estudos, publicados na Revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, são marcos importantes na história da ciência brasileira.

Quando exploramos o papel das mulheres na ciência, é imprescindível mencionar Alda Lima Falcão. Sua trajetória é abordada em diversos documentos, incluindo uma entrevista realizada em 1990 [3], além de homenagens e reconhecimentos posteriores [26]. A contribuição feminina à ciência é ainda mais evidente ao analisarmos as pesquisas de Azevedo et al [17], Ferreira et al [13], e Santos (2003) [27].

Para uma compreensão mais ampla das instituições envolvidas, incluindo o Centro de Pesquisas de Belo Horizonte da Fiocruz, e para uma análise crítica da Revista Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, o trabalho de Briquet de Lemos [28] é uma fonte valiosa. No âmbito mais amplo da ciência brasileira, as contribuições de Pina [29] e Thielen e Klein [30] ajudam a contextualizar a presença feminina na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e a evolução da pesquisa em saúde.

Bibliografia

1. Tashakkori A, Teddlie C, Kervin J. Mixed methodology: combining qualitative & quantitative approaches. *Relations Industrielles*. 2000;55(3):539.
2. Ferreira LO, Salles RBB. A origem social da enfermeira padrão: o recrutamento e a imagem pública da enfermeira no Brasil, 1920-1960. *Nuevo Mundo Nuevos Mundos* [Online], Questões do tempo presente. 2019 out 08 [citado 2024 mar 23]; Disponível em: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/77966>. DOI: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.77966>.
3. FALCÃO A. Alda Falcão. Entrevista de história oral concedida ao projeto Memória do Centro de Pesquisas René Rachou, 1990 [entrevista]. Entrevistadores: Lisabel Espellet Klein (LK), Eduardo Vilela Thielen. Belo Horizonte (MG); 28 ago. 1990. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/COC; 2021. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/alda-falcao-3>.
4. Fiocruz Minas - Dra. Alda Falcão [Vídeo na internet]. Belo Horizonte: Centro de Pesquisa René Rachou - Fiocruz Minas; 2007 out 15 [Citado em 2024 mar 20]. Vídeo 22 min. Entrevista realizada por Virgínia Schall com roteiro de Ailson Santos, Célia Gontijo e Virgínia Schall em ocasião ao título de Pesquisadora Emérita da Fiocruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DN1y7AvTzY8>.
5. Meihy JCSB, Seawright L. Memórias e narrativas: história oral aplicada. Editora Contexto; 2020. 192 p. ISBN 9786555410259.
6. Santhiago R. Voltar para “para uso futuro”? História oral, pandemias e documentação urgente do presente [Internet]. Pré-impressões SciELO. 2022 [consultado em 20 de março de 2024], p.2 . Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4850>
7. Andreotti AL. A administração escolar na era Vargas e no nacional desenvolvimentismo (1930 - 1964). *Rev. HISTEDBR On-line*, Campinas, n. especial, p. 105, ago. 2006. ISSN: 1676-2584.
8. Hochman G. “O Brasil não é só doença”: o programa de saúde pública de Juscelino Kubitschek. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*. 2009 Jul;16(supl. 1):313-331.
9. Valente PA, Pimenta DN. História e trajetória de mulheres na Saúde Pública no Brasil. In: FACCHINETTI, C., editor. *Mulheres no Brasil: como chegamos até aqui*. Rio de Janeiro: Andrea Jakobson Estúdio Editorial Ltda; 2023. p. 140-153.
10. Sobral NV, Miranda ZD, Jacobina RR. Memória da Medicina Tropical no Brasil: informações bibliométricas sobre instituições e pesquisadores brasileiros na web of Science. *Revista Fontes Documentais*. Aracaju, v. 03, n.1, p. 87-108, jan.-abr. 2020. p. 90.
11. Edler FC. A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina tropical no Brasil. *Hist. cienc. saúde-Manguinhos*. 2002;9:357-385.
12. Briquet Lemos AA de. A critical appraisal of an institutional journal: Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. *Cad. Saúde Públ.*, Rio de Janeiro, 9 (2): 161-169, Apr/Jun, 1993.
13. Ferreira Lo, Azevedo N, Guedes M, Cortes B. Institucionalização das ciências, sistema de gênero e produção científica no Brasil (1939-1969). *História, Ciência e Saúde - Manguinhos*. 2008;15:43-71. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702008000500003>.
14. Lutz B. Frogs in the Adolpho Lutz Collection at the Instituto Oswaldo Cruz: IV. Species allied to the green Hylas from S. E. Brazil: addendum to part II. *Rev Memórias*. 2000;47(3-4):303-3020.
15. Melo MI. Blood aliesterase in some laboratory animals. *Rev Memórias*. 2000;47(3-4):381-390.
16. Torres CM, Pacheco G, Cardoso RA. Streptococcal epizootic in guinea pigs. *Rev Memórias*. 2000;47(3-4):693-699.
17. Azevedo N, Ferreira LO, Rossi DS. Mulheres no acervo de uma instituição científica: o Instituto Oswaldo Cruz (1930-1970). *Ac.* [Internet]. 30º de abril de 2020 [citado 25º de março de 2024];33(2):164-85. Disponível em: <https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1537>
18. Porto G, Prata A. Tratamento da esquistossomose pelo hycantone na infância. *Gazeta Médica Bahia*. 1971;71:103-109.
19. Martins RS. Focos ativos de esquistossomose em Niterói, Estado do Rio de Janeiro. *Rev Malariol Doenças Trop*. 1957;9(3):361-364.
20. Braga-Miranda LC, Galati EAB. Description of the female of *Evandromyia* (*Aldamyia*) *aldafalcaoae* (Santos, Andrade-Filho & Honer) (Diptera: Psychodidae, Phlebotominae). *Neotrop entomol* [Internet]. 2005Mar;34(2):331-6. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1519-566X2005000200023>
21. Galati EAB. Morfologia, terminologia de adultos e identificação dos táxons da América. In: Rangel EF, Lainson R, editors. *Flebotomíneos do Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. pp. 53-175.
22. Andrade Filho JD. Alda Lima Falcão (1925 †2019). *Rev Soc Bras Med Trop* [Internet]. 2019;52:e20190529. Available from: <https://doi.org/10.1590/0037-8682-0529-2019>
23. Martins AV. Memórias da Fundação Ezequiel Dias. Belo Horizonte: FUNED; 1987.
24. Dosse F. Refazer utopias, tarefa do intelectual no século XXI [Internet]. *Outras Palavras*. 2024 Jan 18 [citado em 2024 Mar 24]. Disponível em: <https://outras-palavras.net/pos-capitalismo/refazer-utopias-tarefa-do-intelectual-no-seculo-xxi>.
25. Simioni APC, Eleutério M de L. Mulheres, arquivos e memórias. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* [Internet], 2018; Sep; (71): 19-27. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i71p19-27>.
26. Ostos NSC. Alda Lima Falcão. Fiocruz. Instituto René Rachou. Projeto Memória. Trajetória histórica e científica do Instituto René Rachou – Fiocruz Minas. Coordenadores: Profeta da Luz ZM, Rocha RS. Disponível em: <https://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/alda-lima-falcao/>.
27. Santos PRE. Inovação em saúde e desenvolvimento nacional: origens, criação e atuação do Instituto de Malariologia (1946-1956). *Revista Rio de Janeiro*. 2003 Sep-Dec;(11).
28. Briquet de Lemos AA. Análise crítica de uma revista institucional, Memórias do Instituto Oswaldo Cruz. *Cadernos. Saúde Pública.*, Rio de Janeiro. 1993 Apr-Jun;9(2):161-169.
29. Pina JBS. As cientistas mulheres na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência: uma perspectiva da inserção feminina em comunidade científica (1948-1958) [dissertação de mestrado]. Belo Horizonte: Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais; 2019.
30. Thielen EV, Klein LE. A ciência das doenças nas geraes: da filial de Manguinhos ao Centro de Pesquisas René Rachou. Fiocruz. Instituto René Rachou. Disponível em: <https://www.cpqrr.fiocruz.br/pg/a-ciencias-das-doencas-gerais-da-filial-de-manguinhos-ao-centro-de-pesquisas-rene-rachou/>.